

Fernando Pessoa

## Deixo ao cego e ao surdo

Deixo ao cego e ao surdo  
A alma com fronteiras,  
Que eu quero sentir tudo  
De todas as maneiras.

Do alto de ter consciência  
Contemplo a terra e o céu,  
Olho-os com inocência...  
Nada que vejo é meu.

Mas vejo tão atento  
Tão neles me disperso  
Que cada pensamento  
Me torna já diverso.

E como são estilhaços  
Do ser, as coisas dispersas  
Quebro a alma em pedaços  
E em pessoas diversas.

E se a própria alma vejo  
Com outro olhar,  
Pergunto se há ensejo  
De por isto a julgar.

Ah, tanto como a terra  
E o mar e o vasto céu.  
Quem se crê próprio erra,  
Sou vário e não sou meu.

Se as coisas são estilhaços

Do saber do universo,  
Seja eu os meus pedaços,  
Impreciso e diverso.

Se quanto sinto é alheio  
E de mim se sente,  
Como é que a alma veio  
A acabar-se em ente?

Assim eu me acomodo  
Com o que Deus criou,  
Deixo teu diverso modo  
Diversos modos sou.

Assim a Deus imito,  
Que quando fez o que é  
Tirou-lhe o infinito  
E a unidade até.

24-8-1930

**Poesias Inéditas (1919-1930).** Fernando Pessoa. (Nota prévia de Vitorino Nemésio e notas de Jorge Nemésio.) Lisboa: Ática, 1956 (imp. 1990): 168.